

UMA REFLEXÃO SOCIOLÓGICA SOBRE A INTERPRETAÇÃO DE COMPORTAMENTOS ANIMAIS

Hugo de Carvalho Ferreira¹

RESUMO: De um modo geral, as pessoas se chocam quando leem ou ouvem relatos sobre comportamentos ditos “inesperados” no mundo animal tais como suicídio, altruísmo, compaixão, inveja, etc., afinal, teriam os animais moralidade ou algum senso de justiça? Nesse sentido, o presente artigo foi concebido diante da seguinte questão: por que esses comportamentos nos surpreendem tanto? Aparentemente, e ao menos no contexto ocidental ou moderno, essa questão se relaciona sobretudo com a distinção entre natureza/cultura e instinto/inteligência – e dos respectivos princípios em que estas categorias são construídas. Assim, ilustra-se como a noção de instinto é utilizada para explicar variados comportamentos animais, e o argumento central é que aqueles comportamentos reconhecidos como estranhos ou bizarros são justamente aqueles que não são facilmente explicados pela noção de instinto. Como material para discussão, dois exemplos são explorados: 1) o uso da ideia de “instinto” para distinguir sociedades animais de sociedades humanas, e 2) as interpretações de alguns comportamentos “estranhos” entre golfinhos, com base em comentários publicados em duas reportagens eletrônicas. Com base na análise dos comentários, conclui-se que há uma multiplicidade de interpretações em relação a esses comportamentos, expondo-se os limites da categoria instinto enquanto princípio explicativo. Por fim, questiona-se em que medida esses exemplos podem ilustrar uma mudança nas concepções sobre os animais nos dias de hoje.

Palavras-Chave: natureza-cultura; natureza humana; modernidade; antropologia social; história das ciências

AN ANTHROPOLOGICAL REFLECTION ABOUT THE INTERPRETATION OF ANIMAL BEHAVIORS

ABSTRACT: In general, people get shocked when they read or listen to reports about “unexpected” behaviors among animals such as suicide, altruism, compassion, envy, etc., after all, would they have morality or any sense of justice? In this sense, the present article was conceived based on the following question: why these behaviors surprise us so much? Apparently, at least in the western context, this question is related mainly with the distinctions between nature/culture and instinct/intelligence – and the respective principles which these categories are built upon. Likewise, it is illustrated how the notion of instinct is used to explain an array of animal behaviors. The main argument is that these behaviors considered awkward or bizarre are exactly those ones which are not easily explained by the notion of instinct. As material for this discussion, two examples are presented: 1) the use of the category “instinct” to distinguish animals societies and human societies, and 2) the interpretations of “strange” behaviors among dolphins, based on comments posted in two websites. Based on the analysis of the

¹ Biólogo (UFRJ), mestre em Saúde Pública e Meio Ambiente (FIOCRUZ), graduando em Licenciatura em Ciências Sociais (UFRJ), aluno de doutorado em Ciências da Cultura na Europa-Universität Viadrina (Alemanha). Contato eletrônico: **E-mail:** hugo.decf@yahoo.com.br

comments, it concludes that there is a multiplicity of interpretations, exposing the limits of “instinct” as an explanatory principle. Finally, it discusses in what extent these examples may clarify some change in conceptions about animals nowadays.

Key words: nature-culture; human nature; modernity; social anthropology; history of sciences

INTRODUÇÃO

De um modo geral, as pessoas se chocam quando leem ou ouvem relatos sobre comportamentos ditos “inesperados” no mundo animal tais como suicídio, altruísmo, compaixão, inveja, etc., afinal, teriam os animais moralidade ou algum senso de justiça? Nesse sentido, o presente artigo foi concebido diante da seguinte questão: por que esses comportamentos nos surpreendem tanto?

Ao acessar reportagens sobre esses fatos curiosos, tais como elefantes que visitam o local de outros elefantes mortos ou ratos que se preocupam com o sofrimento de outros ratos, basta olhar os comentários para perceber como os mesmos geram inúmeras interpretações e polêmicas. Interesse-me especialmente pela descrição de estupro e crueldade por golfinhos - caso que será estudado com mais detalhes ao longo do artigo. As opiniões sobre os golfinhos se dividem, variando entre: irracionais, excepcionalmente inteligentes, inocentes, inconscientes, maus assim como qualquer outro ser vivo, etc. Mas o que mais interessa aqui, como um tema sociológico, é que essas discussões são permeadas de ideias e categorias como inteligência, instinto, moral, humano e natural, etc., e onde se vê múltiplas visões sobre a natureza e o ser humano. Em outros termos, parece que esses comportamentos estranhos são um bom ponto de partida para perceber como essas noções fazem parte do imaginário social, ou pelo menos como são mobilizadas retoricamente.

A hipótese de partida, talvez um pouco rudimentar, é que essa discordância e debate é fruto principalmente de distinções como natureza/cultura e instinto/inteligência – e dos respectivos princípios e antropocentrismos em que estas categorias são construídas. Sendo animais, como poderiam apresentar comportamentos tão complexos e humanos, escapando das leis da natureza e do instinto? Ou esses comportamentos seriam não fruto da inteligência e da racionalidade, mas apenas um desdobramento de instintos ainda mais complexos?

Dito isso, têm-se como objetivo explorar essas múltiplas visões sobre esses comportamentos animais, a fim de compreender a razão do “choque” social e das polêmicas em torno dos mesmos. Saliente-se que, em termos teóricos, o que se busca aqui não é uma análise dos comportamentos animais, e sim, os fundamentos que permeiam o imaginário social em relação a essas questões.

NATUREZA E INSTINTO

De acordo com Fritjof Capra (CAPRA, 1998) em *O ponto de mutação*, na pré-modernidade mundo era percebido como um mundo espiritual e vivo. É somente na modernidade, sobretudo com Descartes e autores posteriores, que uma noção de mundo enquanto máquina foi construída. O mundo seria material, e assim, regido segundo as leis imutáveis e universais da matéria. Portanto, dizer-se-ia,

os fenômenos naturais sempre estiveram aí e sempre estarão. Supostamente, a gravidade sempre esteve presente – ela foi apenas “descoberta” por Newton (e a própria palavra “descoberta” já sugere uma conotação de revelação de algo oculto anteriormente).

Assim sendo, o mundo seria um grande relógio perfeitamente projetado, e no qual suas engrenagens se articulam perfeitamente. De maneira semelhante, os animais também seriam autômatos. Os homens também seriam máquinas, mas ao contrário dos demais seres vivos, os homens seriam dotados de espírito superior ou alma. Sendo autômatos, os animais e demais seres vivos agiriam automaticamente, mecanicamente, e não possuiriam qualquer racionalidade ou inteligência. Segundo Descartes, em *O discurso do método*:

[...] E isso não testemunha apenas que os animais possuem menos razão do que os homens, mas que não possuem nenhuma razão. Pois vemos que é preciso muito pouco para saber falar; e, posto que se nota desigualdade entre os animais de uma mesma espécie, assim como entre os homens, e que uns são mais fáceis de adestrar que outros, não é crível que um macaco ou um papagaio, que fossem os mais perfeitos de sua espécie, não iguallassem nisso uma criança das mais estúpidas ou pelo menos uma criança com o cérebro perturbado, se a sua alma não fosse de uma natureza inteiramente diferente da nossa. [...] É também coisa mui digna de nota que, embora existam muitos animais que demonstram mais indústria do que nós em algumas de suas ações, vê-se, todavia, que não a demonstram nem um pouco em muitas outras: de modo que aquilo que fazem melhor do que nós não prova que tenham espírito; pois, por esse critério, tê-lo-iam mais do que qualquer de nós e procederiam melhor em tudo; mas, antes, que não o têm, e que é a natureza que atua neles segundo a disposição de seus órgãos: assim como um relógio, que é composto apenas de rodas e molas, pode contar as horas e medir o tempo mais justamente do que nós, com toda a nossa prudência. (DESCARTES, 1973, p. 88).

Mas até então, as formas animais eram imutáveis através da graça divina. Após as primeiras formulações sobre a evolução dos seres vivos, principalmente a teoria da evolução pela seleção natural de Darwin, datada de 1859, admitiu-se cada vez mais amplamente a mudança das formas animais ao longo do tempo. E de certo modo, poder-se-ia agora explicar as maravilhas da natureza de outra maneira. O perfeito encaixe do aparelho bucal de insetos específicos com o aparato floral de certos vegetais específicos já não seria visto como graça divina, mas como produto do processo evolutivo.

E dessa maneira, ao que parece, criou-se a ideia *moderna* de instinto onde este se articula tanto com a irracionalidade quanto com a evolução. É válido mencionar que ao se referir à noção moderna de instinto se faz aqui uma ressalva, uma vez que a noção de instinto extrapola em muito a moderna biologia. De qualquer modo, o ponto de partida aqui é que se estabeleceu um nexo entre natureza-instinto-evolução. Em outras palavras, para lá de um comportamento inato, instinto também se refere a algo evolutivamente funcional. Quando se fala em instinto de sobrevivência, defende-se a existência de um desejo inerente (consicente ou inconsciente) dos seres vivos em sobreviver e se perpetuar. Os animais fazem o que fazem porque seus instintos foram moldados de um determinado modo através da evolução, afinal, instintos desfavoráveis tenderiam a ser excluídos seletivamente.

HUMANIDADE E INSTINTO

Com a teoria da evolução surgiu um problema-chave no que concerne à concepção de ser humano. O ser humano passou a ser visto como apenas mais uma espécie, deixando de ser uma criatura transcendente e sendo inserido na classificação dos seres vivos ao lado dos demais primatas. Logo, os

homens estariam sujeitos às mesmas leis da natureza e dos instintos que governam os animais, o que contrasta com a noção moderna de humano enquanto o ser racional e iluminado.

Dessa maneira, de acordo com Ingold (1995), criou-se uma ambiguidade: de um lado, o ser humano está mergulhado nas leis da natureza através de sua animalidade; do outro, ele se distingue dos demais seres através da linguagem, razão, escrita, etc., ou seja, pela sua humanidade. Nas palavras do próprio Darwin “as creatures advance along the scale of nature, the proportion of rational intelligence to natural instinct very gradually increases, but only with the emergence of humanity does the balance tip decisively towards the former” (DARWIN, 1874 *apud* INGOLD, 2011, p. 35). Em primeiro lugar, note-se que os animais são graduados em termos de uma proporção entre inteligência e instinto. No topo dos animais está o ser humano, entendido então como o único animal que através da evolução da inteligência atravessou um limiar, o qual permitiu então o desenvolvimento das faculdades que caracterizam a humanidade. Segundo Descola (1998), a partir de Rousseau e Kant a humanidade passou a ser definida quanto à liberdade, ou às faculdades de se sobrepor às determinações instintivas.

Em consequência, a diferença entre os humanos e os outros animais deixou de ser *qualitativa* (como o ser dotado de razão ou alma por graça divina) e passou a ser *quantitativa* (um maior grau de desenvolvimento da inteligência). De certa maneira, pode-se dizer que esta ambiguidade está na base da discordância entre as ciências naturais e humanas.

Tradicionalmente, o estudo da animalidade humana é tradicionalmente representado pelos biólogos e de parte da psicologia, principalmente as correntes ligadas ao behaviorismo. A título de ilustração, pode-se mencionar aqui o livro *O macaco nu*, de Desmond Morris (MORRIS, 1968), onde se vê uma explícita interpretação da animalidade humana. Em linhas gerais, o trabalho se propõe a estudar o humano enquanto animal, e particularmente, enquanto um macaco muito peculiar: relativa ausência de pêlos, cérebro e órgãos sexuais exageradamente grandes, bipedia, dependência de outros durante a infância, etc. Assim, essas características estariam intimamente articuladas com aquilo que distingue o humano. As relações sociais são essenciais para a sobrevivência, mas são possíveis graças às capacidades cognitivas e comunicativas de um cérebro relativamente desenvolvido. Com isso, Morris faz uma armação teórica onde os aspectos culturais ou sociais são desdobramentos da biologia humana. Outro autor de destaque é o famoso biólogo Richard Dawkins, que contemporaneamente é o grande representante da teoria sintética da evolução ou neodarwinismo, isto é, *grosso modo*, a teoria da seleção natural com base na genética moderna. Segundo Dawkins (DAWKINS, 2001), os seres vivos são máquinas replicantes de genes. As relações entre os seres vivos não são outra coisa que a competição entre os distintos genes, os quais utilizam os seres vivos como veículo de replicação e disseminação.

Nas ciências humanas, por outro lado, há uma clara tendência à distinção entre natureza e cultura, biológico e social. Essa disputa pode ser claramente observada nos escritos de Durkheim, onde o autor enfatiza o “fato social” enquanto objeto exclusivo das ciências sociais, e assim, afastando as tentativas de colonização por parte dos outros campos científicos como a biologia ou a psicologia. Particularmente, chama a atenção o artigo *O superorgânico* de Alfred Kroeber (KROEBER, 1993). Escrito em 1917, O texto soa como um manifesto contra qualquer intenção de explicar fenômenos sociais ou culturais em termos físicos ou biológicos. A natureza e os demais seres vivos fariam parte do

mundo orgânico, e são regidos segundo essas leis. Já o ser humano, embora seja parte do mundo orgânico, está imerso e é guiado por uma dimensão inorgânica, ou superorgânica, a saber, a cultura. E logo, segundo Kroeber, deve-se ter grande cautela ao utilizar comparações entre as ciências biológicas e sociais.

Dito isso, enfatiza-se aqui duas questões: a primeira é que, tanto os cientistas sociais quanto os cientistas naturais em geral aceitam que os demais seres vivos sejam guiados pelos instintos, que por sua vez são moldados pela evolução. Em outras palavras, está implícito que apenas os humanos possuem esse duplo caráter animal-humano. Animais são apenas animais. E assim, enquanto seres fruto da evolução, seus instintos apontam “inconscientemente” para o sucesso reprodutivo diferencial. E a segunda é que, por mais que a natureza humana esteja em disputa, o humano ainda assim é um ser social, inteligente, comunicativo, racional, etc., ou seja, aquele animal que de alguma maneira consegue controlar seus instintos.

A RETÓRICA DO INSTINTO E OS COMPORTAMENTOS ESTRANHOS

Durante os séculos XVIII e XIX, uma curiosa discussão teológica se fazia presente, conforme Stephen J. Gould conta no livro *Os dentes da galinha* (GOULD, 1996). Segundo o relato, os ichneumonídeos (grupo taxonômico de vespas) apresentavam um comportamento extremamente sádico: estes depositavam seus ovos dentro de lagartas, e quando os ovos eclodiam, as larvas devoravam a lagarta internamente. Mas havia um itinerário, e as partes vitais eram preservadas ao máximo de modo que ao final a lagarta era apenas um invólucro imóvel, mas ainda viva. A discussão era: se Deus, dotado de infinita bondade, havia criado os animais, como seria possível que ele tenha projetado/criado tais seres que desempenham tamanha crueldade? A aquela altura, essa questão se fazia pertinente, i.e., a moralidade ou não dos animais já era uma questão nas sociedades ocidentais. Entretanto, a polêmica dos ichneumonídeos atrairia pouca atenção nos dias de hoje. A explicação padrão seria que esse comportamento é fruto de milhares de anos de evolução, o que levou essas vespas a utilizar ao máximo os recursos disponíveis, no caso, os órgãos e tecidos das lagartas como alimento. As larvas não faziam isso por maldade, e sim, por *instinto*, o qual foi moldado através da seleção natural no sentido de otimização dos recursos. Qualquer moralidade não seria outra coisa senão projeções humanas sobre o comportamento animal.

Ainda outro exemplo histórico. Em 1903, um artigo publicado pelo cientista natural John Borroughs desencadeou o que ficou conhecido na mídia estadunidense como “a controvérsia dos naturalistas”. Em suma, criticava-se uma série obras (e seus autores) que teriam animais como personagens centrais e cientes. Entre eles estava Jack London e o clássico *The call of the wild*, o qual narra as aventuras de Buck, um cão crescido em uma mansão na Califórnia que se vê subitamente diante da função de puxador de treno no Alasca. Baseada na perspectiva do cão, o livro trata Buck como um ser em contínuo aprendizado, compreendendo esse novo mundo que se desdobrava, i.e., suas relações sociais com cães “selvagens”, lobos, e outros seres humanos. A crítica feita ao London se baseava em uma falsa e ilusória descrição destes animais, acusando os escritores de ignorância e distorção das verdades da natureza. Segundo a crítica, os comportamentos animais seriam narrados por Jack London como racionais e inteligentes, embora estes não passassem do mais perfeito instinto. A

capacidade de raciocínio e escolha seriam comportamentos humanos, e London estaria antropomorfizando os animais. Em 1907, o próprio presidente dos Estados Unidos àquela altura, Theodore Roosevelt, publicou uma nota criticando severamente as “estórias fantásticas”, aonde os autores provavelmente sequer conheciam ou observaram os animais descritos (ROOSEVELT, 1907). Roosevelt os denominou de “*Nature fakers*”, título que se tornou famoso durante a polêmica. Ainda que o presidente não mencione os nomes dos autores, a descrição dos contos não deixa dúvida que London fazia parte dos atacados, por exemplo, ao descrever a luta entre um bulldog (Buck) e um lobo (Spitz), e ainda outra passagem uma peleia entre um lince e um lobo (a mãe de Caninos Brancos). Em 1908, Jack London publica uma resposta ao presidente, argumentando que o mesmo e Borroughs teriam uma concepção mecanicista e antropocêntrica dos comportamentos animais, inadequada à época. Baseia seus argumentos sobretudo em sua própria experiência pessoal com cachorros, descrevendo uma série de comportamentos que apontavam para o aprendizado e a inteligência, e não apenas um puro instinto.

Vale lembrar, segundo a biologia moderna, os seres humanos também são frutos da evolução e apresentam instintos. Conforme o clássico exemplo do arco-reflexo, dir-se-á, quando um humano coloca distraidamente a mão em algum objeto quente, este retira a mão antes mesmo dos impulsos nervosos transmitirem a mensagem ao cérebro. Portanto, certas ações humanas seriam resposta da pura inconsciência. Faz parte do jargão popular expressões como instinto materno, instinto assassino, instinto de sobrevivência e outros. Entretanto, em princípio, essas expressões não causam controvérsia, já que no caso dos homens, os instintos poderiam ser controlados ou domesticados.

Entretanto, o problema que se quer explorar aqui é quando o inverso acontece, ou seja, *quando o instinto parece não explicar facilmente um determinado comportamento animal*, conforme sintetizado pela tabela 1. Assim, como interpretar a presença no mundo animal de planejamento, compaixão, socialização ou altruísmo? A linha de pensamento seguida é que, projeções ou não dos seres humanos, esses comportamentos animais exigem justificativas menos óbvias que o simples “instinto”.

Uma primeira questão a ser explorada diz respeito às habilidades “inesperadas” que se assemelham às humanas. Segundo Marx, a distinção entre os homens e os animais é a capacidade de trabalho, de transformação da natureza. Porém, de certa maneira, os animais também não transformariam a natureza? E Marx, sobre as atividades da aranha e da abelha, resolve o problema da seguinte maneira:

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. (MARX, 1996, p. 298).

Portanto, para Marx a diferença crucial não é o grau de perfeição do trabalho, e sim, a consciência e projeto do trabalho, sendo isso restrito aos humanos. Pode-se também mencionar o exemplo de Geertz em *Religião como um sistema simbólico* (GEERTZ, 1989a), diferenciando a construção de barragens por homens e por castores. De acordo com o autor, a construção de uma barragem pelo ser humano está associada ao planejamento, inteligência e criatividade; no castor, é

simplesmente uma questão de encontrar os materiais e um local adequado, uma vez que o modelo de barragem está contido no DNA destes seres. Logo, o castor executa sua tarefa automaticamente ou instintivamente. Portanto, ambos os autores atribuem unicamente ao ser humano a capacidade de transformar a natureza conscientemente, racionalmente. As habilidades mais refinadas dos animais não são mais do que instintos inerentes aos mesmos.

Outro tópico interessante diz respeito à recreação e brincadeiras, cena frequente nos documentários sobre o mundo animal. Quando mamíferos aparecem brincando, diz-se que isso faz parte do desenvolvimento das funções motoras, e de modo geral isso é bem aceito. Vê-se, o lazer não se encaixa em um instinto de sobrevivência, restrito aos limites da subsistência, a desse modo seria mais plausível uma justificativa biológico-funcional. É com essa mesma perspectiva que usualmente se trata da presença de masturbação, homossexualidade e sexo por lazer nos animais. Afinal, isso representaria um gasto energético fútil, inócuo, e logo, evolutivamente incoerente. Uma explicação “científica” frequente é que isso funcionaria como uma válvula de escape, evitando problemas de ordem psicológica. E da mesma maneira como explicar o caso dos ursos que, vivendo em cativeiro com más condições, jejuaram até a morte (<http://dailymail.co.uk/news>, Recuperado em, 19, fevereiro, 2015)? Muitas opiniões concordam em classificar como suicídio, mas enquanto uns dizem que eles sofriam de disfunções mentais, outros alegam que eles simplesmente se suicidaram por desgosto. Em suma, esses comportamentos animais fazem parte do mundo humano, mas quando aparecem entre os outros animais, tenta-se sempre enquadrá-los em uma lógica funcional.

Ainda mais desafiador, como explicar o altruísmo das abelhas operárias? Como se sabe, esta casta de abelhas não se reproduz, sendo a reprodução, em condições normais, uma atividade exclusiva da rainha e dos zangões. Mais do que isso, quando uma abelha ferroa um inimigo ela perde parte de seu abdômen e invariavelmente morre em instantes depois. Portanto, com base na teoria da evolução, qual a justificativa científica para um ser trabalhar e se sacrificar por outros sem qualquer benefício? Segundo Dawkins (DAWKINS, 2001), a resposta está nos genes. Embora as operárias não se reproduzam, elas compartilham genes com a rainha e com os zangões, e assim, embora não se reproduzam enquanto indivíduos, elas favorecem a disseminação de seus genes indiretamente. Logo, o aparente altruísmo é “na verdade” um simulacro do mais profundo egoísmo a nível genético.

De qualquer modo, todos esses comportamentos mencionados que seriam em princípio incoerentes, muitas vezes tentam ser articulados em torno do instinto, e senão do instinto de sobrevivência, ao menos da disseminação dos genes. Diz-se, lazer, suicídio e altruísmo são “na verdade” instintivamente executados. Assim, constrói-se uma explicação lógica que faça sentido ao paradigma vigente, no caso, na teoria sintética da evolução, com base na noção de instinto para explicar determinados comportamentos animais.

IINSTINTO E SOCIEDADES ANIMAIS

Um exemplo particularmente interessante é a capacidade de sociabilidade em animais, sobretudo os chamados insetos sociais.. É claro, ao que parece, esse foi uma grande “pedra no sapato” dos cientistas sociais e filósofos, pois afinal, o humano é em parte definido como o ser social e político.

O filósofo Henri Bergson (BERGSON, 1922), ao analisar a inteligência e o instinto nos animais, opõe essas categorias respectivamente aos humanos e aos insetos sociais, ou mais precisamente os himenópteros. Tanto os humanos quanto os himenópteros teriam desenvolvido sociedades e alcançado o topo de suas respectivas linhas evolutivas – os primeiros entre os deuterostomados e os últimos entre os protostomados. Mas ao passo que os homens seriam sociais em razão de um alto grau de inteligência, os himenópteros seriam sociais em razão do mais perfeito instinto de socialização.

E Bergson não foi o único a atacar o problema dos insetos. Kroeber (KROEBER, 1993), no artigo já citado, aborda em vários parágrafos as sociedades de insetos. Para o autor, esses insetos são sociais, mas essa sociabilidade se dá na dimensão orgânica, instintiva e mecânica, ao contrário das sociedades humanas que são reproduzidas ao nível superorgânico, através da linguagem, hábitos e costumes. Conforme o autor:

A divergência entre forças sociais e orgânicas talvez não seja plenamente entendida enquanto não aprofundarmos a mentalidade dos chamados insectos sociáveis, as abelhas e as formigas. A formiga é social na medida em que associa; mas está tão longe de ser social no sentido de possuir civilização, de ser influenciada por forças não orgânicas, que mais valia ser conhecida por animal anti-social. [...] A sociedade das formigas é tão pouco parecida com uma verdadeira sociedade, no sentido humano, como uma caricatura com um retrato. (KROEBER, 1993, p. 51).

Com uma visão semelhante, Claude Lévi-Strauss (1982), em *As estruturas elementares do parentesco*, aborda brevemente o caso dos insetos sociais e argumenta que estas sociedades sequer são dignas de uma análise esmiuçada visto que sua sociabilidade, novamente, faz parte da dimensão do instinto. Segundo ele:

A passagem – se existe – não poderia pois ser procurada na etapa das supostas sociedades animais, tais como são encontradas entre alguns insetos, [...] não há nessas estruturas coletivas nenhum lugar mesmo para um esboço do que se pudesse chamar o modelo cultural universal, isto é, linguagem, instrumentos, instituições sociais e sistema de valores estéticos, morais ou religiosos. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 44).

Por outro lado, os macacos antropóides, estes sim, apresentariam rudimentos ou algo que possa ser chamado de sociabilidade, em razão de um nível de inteligência basal. Segundo o autor: “é à outra extremidade da escala animal que devemos nos dirigir, se quisermos descobrir o esboço desses comportamentos humanos. Será com relação aos mamíferos superiores, mais especialmente os macacos antropóides”. (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 44).

Por fim, menciona-se novamente Clifford Geertz. Para o mesmo é possível perceber sociedades de primatas não-humanos, mas nada comparável aos humanos. Conforme Geertz, por mais que seja possível reconhecer aspectos sociais entre os demais primatas, certamente não se pode dizer que há ali *cultura*. Vale lembrar, para Geertz (GEERTZ, 1989b), a cultura nos homens está intimamente ligada ao desenvolvimento do sistema nervoso. Assim, além de uma socialização basal, é possível também justificar determinados comportamentos como compaixão e depressão entre os mamíferos como resultado desse desenvolvimento, mas ainda sim, rudimentar. E sendo o desenvolvimento do sistema nervoso o caminho para a cultura, explica-se porque Geertz não menciona qualquer invertebrado ou inseto social em sua discussão sobre a presença de cultura em animais (ou pelo menos não o faz no referido texto).

É importante ter em vista que essa retórica do instinto também foi largamente utilizada para a compreensão dos chamados “povos primitivos”. Estes eram vistos enquanto seres que ainda residiam na dimensão do instinto e da irracionalidade. Com efeito, segundo Marx sobre o trabalho nas sociedades modernas:

Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho. O estado em que o trabalhador se apresenta no mercado como vendedor de sua própria força de trabalho deixou para o fundo dos tempos primitivos o estado em que o trabalho humano não se desfez ainda de sua primeira forma instintiva. (MARX, 1996, p. 297).

E mesmo Darwin também tem uma opinião semelhante sobre os primitivos:

We have no reason to believe that they perform any sort of religious worship...their different tribes have no government or chief...the language of these people, according to our notions, scarcely deserves to be called articulate...their [technical] skill in some respects may be compared to the instinct of animals, for it is not improved by experience. (DARWIN, 1860 *apud* INGOLD, 2000, p. 65).

Ainda que hoje não se fale mais sobre irracionalidade de outros povos, há algumas décadas atrás os estudos ecológicos sobre outros povos se aproximavam destas questões. Conforme Clastres (CLASTRES, 2014), esses povos ainda são parcialmente vistos como imersos na subsistência, e assim, devem desenvolver as forças produtivas para que a abundância viabilize o desenvolvimento dos aspectos culturais. Em última análise, os povos primitivos eram vistos como guiados pelo instinto e pela sobrevivência de forma mais ou menos equivalente ao modo como os animais são vistos hoje em dia. Segundo esse esquema, heranças das ideias evolucionistas, há uma relação entre as forças produtivas e a “cultura”: anteriormente caçadores e coletores; em seguida homens agricultores; para então alcançar a economia de mercado, onde a abundância e excedentes permitem a formação de instituições sociais como Estado, Ciência, etc. Em última análise, parece haver uma relação entre subsistência-instinto-natureza e abundância-inteligência-humanidade, muito próxima ao modo como os animais são vistos hoje. Assim, abaixo dos caçadores e coletores estariam os animais, e particularmente, os demais primatas, os quais apresentam um relativo desenvolvimento do sistema nervoso e relações sociais rudimentares.

Portanto, assim como Clastres sugere que os primitivos não produzam mais simplesmente porque preferem não trabalhar. A título de ilustração, vale citar o famoso livro *The hitchhike's guide to the galaxy* (1995) de Douglas Adams. No livro é dito que os humanos sempre se pensaram como mais inteligentes que os golfinhos por terem desenvolvido a roda ou a guerra; ao passo que os golfinhos acreditam ser mais inteligentes que os humanos pelas mesmas razões.

É claro, para além do senso comum científico, deve-se fazer uma ressalva para as linhas de pesquisa as quais consideram que animais possuam cultura ou algo similar. Por exemplo, Sá (SÁ, 2013) em sua etnografia sobre primatólogos, conta que estes cientistas de fato creem que os demais primatas apresentam algo que antropólogos consideram “cultura”. Entretanto, parece claro que a atribuição de cultura aos animais ainda é marginal no campo científico, especialmente na área das ciências humanas.

Vê-se então que, no que concerne à análise dos famosos pensadores discutidos neste tópico, os animais por mais “desenvolvidos” que sejam estão normalmente situados na dimensão dos instintos, assim como os povos primitivos segundo paradigmas anteriores da Antropologia. E não por acaso, a

noção de instinto foi aplicado por estes mesmo autores para aqueles fenômenos que aproximariam os animais dos homens (sociedade, cultura).

Em *Metalogues* (1972), o famoso Gregory Bateson explica à sua filha que instinto é um princípio explicativo, que pode ser aplicado a qualquer coisa ou quase qualquer coisa que se queira explicar. E segundo o autor, “[...] an hypothesis tries to explain some particular something but an explanatory principle - like "gravity" or "instinct" - really explains nothing. It's a sort of conventional agreement between scientists to stop trying to explain things at a certain point”. (BATESON, 1972, Cap. 1, p. 48). E então quando ela pergunta em que situações os cientistas dizem que algo é instintivo, Bateson responde:

[...] They do it when they see a creature do something, and they are sure: first, that the creature did not learn how to do that something and, second, that the creature is too stupid to understand why it should do that. (BATESON, 1972, Cap.1, p.53).

E com efeito, essa é a linha de argumentação dos cientistas aqui citados para explicar habilidades, sentimentos e socialização entre os animais, principalmente no caso de insetos ou invertebrados – sendo estes serem supostamente inconscientes e incapazes de aprender tal comportamento, usa-se o instinto como princípio explicativo.

INSTINTO E MORALIDADE ENTRE OS GOLFINHOS

À primeira vista, a aproximação com determinados animais contribui para uma maior compreensão dos mesmos, e dessa maneira, a compreensão de sentimentos e comportamentos. De qualquer modo, Ingold já sublinhava a questão dos animais de estimação no artigo *A circumpolar's night dream* (INGOLD, 2000). Segundo o autor, o pensamento moderno, conforme já dito, colocou os demais seres vivos na dimensão do instinto e da amoralidade. Apenas humanos podem ser “pessoas”. As exceções são os casos dos animais de estimação e dos personagens literários. Todavia, conforme Ingold, estes alcançam no máximo o status de “quase pessoas”, seja metonimicamente (por contato), ou metaforicamente (por transferência). Metonimicamente, porque eles se tornam “quase pessoas” pelo contato com uma família humana, lar, etc., o que os permitem receber nomes - e de modo geral, nomes que não correspondem a nomes humanos usuais, e muito menos recebem sobrenomes. E com efeito, se de uma forma os animais de estimação são humanizados, certamente estes são vistos como crianças ou pessoas ainda não desenvolvidas. No caso dos personagens, os animais são “quase pessoas” por pura transferência de qualidades humanas, sendo apenas estórias e contos, e logo, não fazem parte da “realidade”.

Nesse sentido, essas visões contrárias sobre a moralidade ou não dos animais parecem residir na contradição entre determinados preceitos científicos sobre a irracionalidade animal, e que povoam o imaginário social, de um lado, e do outro a experiência vivida com determinados animais, que em grande parte, está restrita aos animais de estimação (e com ressalva para os cientistas, ainda que minoritariamente, os quais defendem a moralidade em determinados animais).

Dito isso, pode-se agora explorar com mais detalhes o caso dos comportamentos dos golfinhos. Os golfinhos certamente possuem um lugar de destaque entre os animais. *Grosso modo*, eles são identificados como dóceis, sociáveis com os humanos e com outros golfinhos, dotados de grande

inteligência, grande capacidade de comunicação, e entre outras características. Tendo em vista o que já foi discutido anteriormente, parece que os golfinhos aqui são entendidos como os animais que alcançaram um lugar considerável no limiar inteligência/instinto, o qual foi ultrapassado apenas pelo ser humano. E um dos critérios é justamente a presença de brincadeiras e comportamentos “desnecessários” biologicamente.

Talvez, em grande medida por estas mesmas características familiares, os golfinhos sejam vistos com admiração e carisma no senso comum. Como sublinha Descola (1998), a nossa simpatia em relação aos demais animais obedece a uma certa escala de valor, baseada principalmente no “comportamento, fisiologia, faculdades cognitivas ou da capacidade que lhes é atribuída de sentir emoções”, favorecendo assim os demais mamíferos: “Ninguém, assim, parece se preocupar com a sorte dos harenques ou dos bacalhaus, mas os golfinhos, que com eles são por vezes arrastados pelas redes de pesca, são estritamente protegidos pelas convenções internacionais”.

Mais ainda, existe uma série de relatos sobre golfinhos que salvaram cachorros de afogamento ou defenderam humanos de tubarões. Com efeito, basta digitar em algum site de buscas por “golfinho” e “imagens” e o que se vê é uma coleção de fotos com golfinhos interagindo/brincando com humanos e outros golfinhos, e em muitos casos com expressões faciais que poucos se recusariam a classificar como “alegres” e “sorridentes”.

Ainda sobre as imagens observadas na internet, aquelas que não se enquadram no padrão descrito acima são justamente aquelas associadas ao abate ou pesca de golfinhos. E de certa maneira, essas fotos expressam a polêmica da pesca/caça dos golfinhos – tema de movimentos sociais e produções cinematográficas. Embora a defesa dos animais e o vegetarianismo não sejam o escopo deste texto, vale apenas frisar a ênfase na proteção de determinados animais em detrimento de outros. Em outras palavras, enquanto há uma grande mobilização social para proteção de golfinhos, cães, ursos, tigres, etc., não há considerável atenção para a morte de outros animais como insetos e outros invertebrados (exceção talvez para o uso destes para pesquisas, que em minha opinião, “pegam carona” na proteção de outros animais). Ao que parece, há uma aproximação contemporânea entre o imaginário social e o carisma de mamíferos e aves, talvez por apresentarem algumas características em comum com os seres humanos como constituição corporal, cuidado direto com os filhotes, brincadeiras, etc. Parece haver uma íntima relação entre a noção de inteligência em alguns animais e o respeito aos mesmos.

A partir daqui, propõe-se um exercício sociológico mais empírico, com base em comentários nos sítios de vídeos ou reportagens sobre esses comportamentos “inesperados”. O que se vê é em geral é uma grande discussão sobre moralidade e racionalidade. Enquanto alguns, à semelhança dos pensadores citados, veem nos animais seres instintivos não dotados de valores, outros defendem que os animais possuem tantos sentimentos, emoções e valores quanto os seres humanos.

A metodologia consistiu em leitura e seleção dos comentários disponíveis em duas reportagens publicadas eletronicamente. A seleção foi feita seguindo aqueles mais interessantes e contrastantes entre si. Ressalte-se que não é o objetivo aqui fazer uma discussão profunda sobre a controvérsia científica sobre o tema, mas sim, buscar entender e ilustrar como o instinto e a moralidade são pensados e utilizados no senso comum. Outra ressalva de ordem metodológica diz respeito à

“cientificidade” da análise dos comentários. Se por um lado comentários anônimos oriundos de sítios apresentam uma menor relevância científica, por outro, os mesmos mostram uma certa sinceridade que talvez não seja possível captar em outros meios. Com efeito, esse é um dos pontos defendidos por XXX ao defender uma antropologia dos ambientes virtuais, onde se vê uma expressão individual “mais autêntica” ou com menores constrangimentos que na vida “real” ou “*off-line*”, segundo o termo utilizado pela autora.

Assim sendo, a primeira reportagem se chama *6 fatos assustadores sobre golfinhos* (<http://hypescience.com>, Recuperado em 18, fevereiro, 2015); a segunda, em inglês, tem o sugestivo título *Why dolphins are assholes?* (<http://deepseanews.com>, Recuperado em 18, fevereiro, 2015). As matérias apresentam informações distintas, mas ambas apontam para um mesmo fenômeno, a saber, uma série de comportamentos que destoam da “boa imagem” dos golfinhos. Resumidamente, apresentam vídeos e relatos defendendo que os golfinhos estupram e matam uns aos outros, inclusive filhotes, e ainda indivíduos de outras espécies. Na segunda reportagem é descrito que golfinhos machos fazem grupos de 2 ou 3 indivíduos e forçam fêmeas a copular com eles, e em caso a fêmea não se submeta estes emitem sinais agressivos ou até mesmo utilizam violência física. E o que me pareceu mais interessante, há relatos de crueldade por parte dos golfinhos ao “brincar de vôleibol” com um filhote de tubarão, arremessando/batendo no filhote de um lado para o outro. Obviamente, esses comportamentos não se enquadram naquilo que é esperado de um golfinho pelo senso comum.

Nesse sentido, pode-se agora analisar os comentários postados nestas páginas. De início, fica evidente que não há uma crítica uníssona aos golfinhos, e sim uma multiplicidade de opiniões sobre a moralidade ou não destes comportamentos. De acordo com as linhas de argumentação e orientação dos comentários, estes foram classificados em três grandes grupos: 1) *Crítica aos golfinhos*, onde os comentários repreendem os comportamentos relatados; 2) *Relativização e defesa dos golfinhos*, onde se defende que os humanos, por serem autores de uma miríade de comportamentos considerados perversos, não estariam em posição de julgar o comportamento dos golfinhos; 3) *A amoralidade dos golfinhos*, onde se coloca a impossibilidade de julgamento. Alguns comentários foram ortograficamente corrigidos.

A primeira categoria, corresponde aos comentários que de certo modo concordam com o “tom” das reportagens, e com efeito, julgam negativamente esses comportamentos. Nos comentários abaixo, vê-se, há uma rejeição aos golfinhos e também uma espécie de elogio aos humanos:

“I am so traumatised now. I will never go near a dolphin ever again >_<”.

“GOLFINHOS SÃO ESTUPRADORES: cadê os que gostam de falar mal da humanidade e elevar os animais? Bando de hipócritas sem conhecimento e vontade pensar”.

“Yeah, now that it seems to be in fashion to show how nice wild animals are, how much we have to take care of them (which I agree with), it is also good to see that they are not fairy tale creatures. To be rational, or I would rather say, to have the capability to be rational is not that bad men...”

Ainda no que tange à crítica aos golfinhos, vê-se um aspecto curioso nos dois comentários a seguir. No primeiro, para além de um choque com o ato de “estupro”, há um questionamento associado às críticas feministas:

“Why do intelligent species rape?? What’s wrong with the males of intelligent species? I’m a feminist and god I hate dolphins now ;->”.

Assim, sendo “estupradores”, os golfinhos são também vistos como repudiáveis pelos feministas. E outro ponto interessante é a sugestão da correspondência entre inteligência e estupro – numa clara menção ao caso humano. E essa correspondência é reforçada pelo comentário seguinte:

“Because only intelligent species CAN rape. It takes a certain level of sophistication and self-awareness to be able to consent/not consent, and it takes similarly high level of sophistication to deliberately violate consent”.

De acordo com o comentário, ao fim e ao cabo, é necessário haver inteligência e autoconsciência para que haja consenso ou não, e assim, estupro. Logo, o estupro seria restrito às espécies mais inteligentes. Com base nessas opiniões, parece-me que, assim como se pressupõe a inteligência no que tange às brincadeiras e o lazer, o mesmo ocorreria entre inteligência e *a crueldade deliberada* (provavelmente, ao contrário dos ichneumonídeos, onde a crueldade seria interpretada como instintiva).

Já no segundo grupo de comentários, percebe-se um esforço de relativização destes comportamentos, onde se argumenta que os humanos desempenham esses mesmos comportamentos, além de fazer tantas outras atrocidades a outros seres e aos próprios humanos, e em particular, aos golfinhos.

Quantos casos você conhece de humanos estupradores e quantos casos de golfinhos estupradores? Fala sério...golfinho estuprador..e ainda mais estuprador de humanos...fala sério, rs...e outra quantos humanos foram mortos por golfinhos, e quantos golfinhos foram mortos por humanos? Quem são os vilões aqui?.

What's so strange about dolphins doing that? [...]If anything, it shows the similarity of humans and dolphins. Animals do have emotions and feel things just as strongly as humans. People tend to forget that we are animals as well and I don't mean that in a good or bad way.

E foi justamente essa matéria que me fez unir mais a maneira que nos parecemos com os animais. Há tantos loucos no mundo fazendo essas mesmas atrocidades, que se isso for racional eles também são racionais. Ou se eles são irracionais, nós também somos. Porque nós, humanos, também somos pervertidos, assassinos e estupradores.

E ainda, selecionou-se o comentário abaixo onde há uma menção às crueldades que os homens fazem por diversão, o qual os animais jamais fariam, nem mesmo se tiverem o “poder” para tal:

Tomara que um dia os golfinhos evoluam e façam com os seres humanos as mesmas atrocidades, crueldades e torturas que o homem faz hoje com todos os animais que habitam esse planeta, que são cometidas por desejo corpóreo, por diversão, por puro prazer e até mesmo pela “ciência”...mas como os animais são superiores, eles não se prestariam a esse papel... maltratar e judiar dos outros seres para se divertir é uma característica única e exclusiva da nossa espécie!

O terceiro grupo de comentários diz respeito à amoralidade dos golfinhos. De um modo geral, estes enfatizam a impossibilidade de julgamento sobre tais comentários, seja por que golfinhos são irracionais (e sem intenção não haveria culpa), seja por que estes julgamentos são baseados em projeções humanas de valores humanos:

E também não entendem que temos nosso lado irracional paralelo ao racional. Muitas vezes agimos por instinto, o que representa o nosso irracional que neste caso seria quando aprendemos por métodos repetitivos a praticar algum tipo de ação. Os animais aprendem por este método e não raciocinam ao agir; agem por instinto, o que é um ato irracional.

Quanto aos costumes de cada espécie, é preciso lembrar que os animais não tem consciência de si. Assim, não cabe julgamento. Já com relação aos humanos, a coisa é mais complicada, por causa da consciência de si, pois aí cada um é

responsável pelo que faz, e certamente cada um vai ter que confrontar a própria consciência, mais dia, menos dia. Abraço.

O problema é que vocês estão olhando os hábitos dos golfinhos através dos seus valores éticos, morais e estéticos humanos. É o mesmo que horrorizar-se porque os urubus comem carniça ou porque os leões comem carne crua. Os animais simplesmente obedecem aos seus instintos e não têm essas complicações filosóficas dos humanos.

O problema não é tanto se os homens são melhores ou piores que os golfinhos (acho que parte da humanidade é pior, porque ao mesmo tempo em que proclama altos valores morais e éticos, age da pior forma), mas o fato é que se criou uma imagem idealizada dos animais e da natureza, a famosa frase “a natureza é perfeita”, e “os animais sabem viver com sabedoria e equilíbrio”, quando na verdade não é nada disso, os animais agem por instinto e não têm valores morais ou éticos. O golfinho que salva alguém de se afogar (e isto acontece muito) na verdade está só brincando de empurrar coisas para a praia (eles fazem muito isto), e não está nem aí para a pessoa que está se afogando. Da mesma forma, eles não são animaizinhos perfeitos, exemplos de comportamento moral e ético: eles não têm moral e nem ética, agem conforme seus impulsos e instintos. Só isto.

Esta matéria é para quebrar a ilusão que os animais são superiores ao homem: não são. Eles não têm intenção alguma por trás de seus atos, apenas estão satisfazendo seus instintos e impulsos. Não há moral. Não há ética. Estas coisas foram inventadas pelo homem.

Dessa maneira, é possível ver nestes comentários grande similaridade com a concepção mecanicista dos animais, enquanto irracionais e instintivos. Mais do que isso, há também uma crítica à noção de natureza harmônica. Golfinhos agiriam por instinto, e se salvam pessoas, é por simples impulso e não um ato de bondade.

Em síntese, vê-se nos distintos grupos de comentários uma clara divergência, variando entre a bondade, a neutralidade/inconsciência e a crueldade deliberada dos golfinhos. Mas como explicar tamanha diversidade de interpretações?

Não parece haver uma resposta clara, mas é importante notar como as noções de instinto/inteligência são utilizadas. Alguns fazem um uso retórico do instinto ao justificar esses comportamentos, declarando que entre os golfinhos não há intenção ou qualquer moralidade tanto em estupros e assassinato quanto nos eventos de salvamento. Por outro lado, outros comentários julgam esses comportamentos de forma direta, seja negativamente, na forma de crítica, seja como uma relativização dos próprios comportamentos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o espanto em relação a determinados comportamentos nos animais parece ocorrer quando a ideia de instinto não funciona tão bem enquanto princípio explicativo. A hipótese aqui explorada é que isso se dá em razão da *humanidade destes comportamentos*. Sendo cultura e sociedades características propriamente humanas (de acordo com um certo senso comum no campo das ciências humanas), e sendo crueldade, diversão e estupro e outros, comportamentos tipicamente humanos associados à inteligência e ao lazer em oposição à subsistência, a mera justificativa do instinto se torna mais problemática, e talvez por isso abra tanto espaço para interpretações alternativas (sentimentos e racionalidade).

Por fim, espera-se que o presente artigo contribua para a reflexão sobre uma possível crescente superação de concepções modernas sobre os animais. É interessante observar que a irracionalidade de muitos grupos animais, tal qual pensada em grande parte do meio acadêmico, parece não ter completa ressonância no público leigo. Vale citar a entrevista que Eduardo Kohn realizou com Descola, e em certa altura Kohn pergunta comenta que a maior parte de povos não ocidentais e pré-modernos tinham uma concepção menos mecânica dos animais, e coloca: “quando foi que se começou a pensar que

animais são máquinas?” (Kohn, 2009, p. 12-13). Tendo em vista os atuais movimentos ecológicos e ambientalistas, em defesa dos direitos dos animais, contra o uso de animais em pesquisas científicas, movimentos veganos, etc., bem como os comentários e polêmicas aqui discutidos em torno dos golfinhos, vale pensar se a sociedade moderna está passando de fato por uma mudança de paradigma em sua compreensão dos animais e relação com os mesmos.

Referências

- Adams, D. (1995). *The hitch hiker's guide to the galaxy: a trilogy in five parts* (n. 1). Random House.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. University of Chicago Press.
- Bergson, H. (1911). *Creative evolution* (Vol. 231). University Press of America.
- Capra, F. (1998). *Ponto de Mutação*, O. editora Cultrix..
- Clastres, P. (2014). *A sociedade contra o Estado*. Editora Cosac Naify.
- DAWKINS, R. (2001). O rio que saía do Éden: uma visão darwiniana da vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. *O gene egoísta*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Descartes, R. (1973). *O discurso do método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*. Disponível em 20, fevereiro, 2015, de <http://www.unicesumar.edu.br/mestrado-em-gestao-do-conhecimento/arquivos/artigos/discurso-do-mc3a9todo-descartes.pdf> Recuperado em 23,
- Geertz, C. (1989a). A religião como sistema cultural. In: Geertz, C. *A interpretação das culturas* (p.65-92). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989a.
- _____. O crescimento da cultura e a evolução da mente. In: Geertz, C. *A interpretação das culturas* (p.41-64). Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989b.
- Gould, S. J. (1996). *Os dentes da galinha*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Ingold, T. (1995). Humanidade e animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.28, n.10.
- _____. (2011). *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. London: Routledge.
- _____, T. (2000). *The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill* (Cap. 6, p. 89-110) London: Psychology Press.
- London, J. (1908). *The other animals*.
- Kohn, E. (2009). A conversation with Philippe Descola. *Tipiti: Journal of the Society for the Anthropology of Lowland South America*, v.7, n.2, p.1.
- Kroeber, A. (1993). *A natureza da cultura*. Lisboa: Edições 70, LDA.
- Lévi-Strauss, C. (1982). *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes.

Marx, K. (1996). *O Capital*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.

Morris, D. (1968). *O macaco nu: um estudo do animal humano*. Rio de Janeiro: Record.

Roosevelt, T. Nature fakers. (1907). *Everybody's Magazine*, v.7, n.3, p.427-30.

Sá, G. J. S. (2013). *No mesmo galho: antropologia de coletivos humanos e animais*. Rio de Janeiro: 7 Letras.